

## ... E ISSO NÃO LHE SERÁ TIRADO

Lázara Divina Coelho<sup>1</sup>  
Diessyka Fernanda Monteiro<sup>2</sup>

### RESUMO

O artigo faz um estudo da perícope de Lucas 10.38-42 sob referencial metodológico baseado em hermenêutica fundamentada em pressupostos bíblico-teológicos cujos princípios de interpretação e metodologias históricas e linguísticas estão em linha com o caráter divino-humano das Escrituras. Apresenta as principais mulheres que foram ensinadas por Jesus sobre assuntos teológicos e traz as promessas e intervenções de Jesus. Busca reconstruir o mundo de Maria de Betânia e interpretar sua atitude e a de sua irmã Marta diante do Mestre a quem recebiam para uma refeição em sua casa; as intervenções de Jesus interpretando a cosmovisão das irmãs de Lázaro e suas indicações que devem servir de modelo para as Marias do século XXI. Analisa, a partir do conceito de conveniência, o comportamento da família de Betânia e faz aplicações aos cristãos contemporâneos. Aponta fragilidades na atual forma de ver o discipulado. Oferece indicações para uma retomada dos valores do reino de Deus como uma marca inerente ao verdadeiro discípulo do Senhor.

Palavras-chave: Maria de Betânia. Relação discipular. Discípula.

### INTRODUÇÃO

Este artigo traz um estudo embrionário da perícope encontrada no Evangelho de Lucas (10.38-42) e tem como objetivo buscar compreender o significado da atitude de Maria de Betânia no evento ali narrado e das afirmações do Senhor que permeiam a narrativa e, então, identificar suas possíveis implicações para a mulher do século XXI.

O referencial metodológico parte de uma *hermêutica reformada* fundamentada em pressupostos bíblico-teológicos cujos princípios de interpretação e metodologias históricas e

---

<sup>1</sup> Teóloga, mestre e doutoranda em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC/GO); e ensina teologia no Seminário Presbiteriano Brasil Central (SPBC) e Faculdade Assembleiana do Brasil (FASSEB). É professora universitária. E-mail: lazaracoelho@gmail.com.

<sup>2</sup> Graduada em Letras (UFG), especialista em Linguística (AVM) e Teologia Sistemática (FAIFA/GO), e mestranda em Educação (Universidade Estadual de Goiás). É professora universitária. E-mail: profa.diessyka@fasseb.com.br.

linguísticas estão em linha com o caráter divino-humano das Escrituras (ANGLADA, 2006, p. 322), contudo não prescinde, na sua efetivação, de conceitos como o de *conveniência* e *patriarcado* cuja visão e linguagem são androcêntricas de mundo (RICHTER REIMER, 2005, p. 19); e do domínio das instituições sócio-culturais da antiguidade, busca o conceito que expressa a idéia, o ato e as consequências da *relação discipular* no Novo Testamento capaz de gerar um discípulo nos moldes exigidos pelo Senhor (VINE, 2002, p. 569). Há várias palavras nesse campo semântico (*akoloutheō*, seguir; *mimeomai*, imitar; *manthanō*, aprender; *mathētēs*, aprendiz, discípulo; *mathētria*, aprendiz, discípula; *summathētēs*, companheiro, discípulo), e a opção é por aquela que oferece subsídio à tese deste artigo: *mathētēs*, aprendiz, discípulo ou *mathētria*, aprendiz, discípula.

Todavia, há consciência das limitações de um estudo dessa natureza. Os autores do Novo Testamento escrevem para leitores de seu tempo e então expressões que certamente seriam claras para aqueles dias, são absolutamente obscuras dois milênios depois; além disso, os autores dos evangelhos foram descritivos e então as conclusões sobre a relação *discipular* entre o rabino e seu ou sua discípula é inferente. Um dicionário de expressões coloquiais da antiguidade, ainda que sob forte suspeita, certamente ajudaria bastante! Outras dificuldades aparecerão ao longo desse escrito.

As limitações, entretanto, não podem inibir a pesquisa. A simples possibilidade de encontrar uma nova luz para a leitura da perícope terá valido o esforço porque a autora parte do pressuposto de que o texto pode ser bem mais rico do que o que tem sido divisado. Propõe, portanto, que Maria de Betânia agiu como uma autêntica discípula do Senhor no evento descrito por Lucas (10.38-42) e que ele, naturalmente, entrou nessa *relação discipular* com ela.

No decorrer do texto que segue, dois mundos serão olhados sob a perspectiva dos escritos de Lucas (10.38-42): o mundo de Maria e o mundo do século XXI.

## 1 O mundo de Maria

O mundo de sentido em que Maria de Betânia viveu é judaico; contudo, estava incrustado no mundo greco-romano do século I, de modo que o *ethos* e a ética da sua comunidade estavam engastados naquele mundo e seus imperativos éticos eram fruto de transformações verificadas no decorrer da vida comunal de Israel.

Muitos pontos relacionados ao mundo de Maria (judaico, grego, romano etc.) deveriam ser reconstruídos aqui, mas seleciona-se apenas um deles, que é relacionado a essas sociedades: o comportamento conveniente. Pesquisas indicam que a sociedade era rigidamente estratificada a tal ponto que a tendência das pessoas era de identificação de si mesmas e dos outros por suas localizações sociais que, por sua vez, afetavam profundamente suas expectativas de si e para si e determinavam também suas localizações geográficas: ou a *polis* ou a vila, ou a cidade ou o campo, ou Roma ou província, ou Jerusalém ou Betânia.

Os grupos exemplificam a sociedade estratificada do mundo de Maria. Havia dois grandes grupos percentuais: o primeiro, constituído de menos de um por cento da população de todo o império e subdividia-se em três: acima de todos estavam os líderes do império em seu conjunto, no qual se incluíam o Augusto autodenominado o *princeps*, os membros de sua família e do conselho, os prefeitos ou governadores das províncias (senadores e cavaleiros) e alguns juristas de ponta. Seu poder e prestígio derivavam de eventuais arranjos políticos com o próprio império; em seguida estava a aristocracia tradicional romana, formada por senadores e cavaleiros. Seus privilégios eram determinados por descendência, riqueza e cargo; enfim, havia uma aristocracia em cada cidade provincial constituída da nobreza local e de certos intelectuais renomados. Seus poder e prestígio seguiam lógica semelhante: descendência, riqueza e cargo, oratória e filosofia (KOCHMANN, 2005; MEERKS, 1996).

O segundo grupo era constituído da vasta maioria dos habitantes, cerca de noventa e nove por cento da população de todo o império. Esse grupo tendia à autoclassificação conforme alguns dos índices de *status*, como na ordem decrescente que segue: ser cidadão romano, ser cidadão nas *poleis* locais, ser conselheiro em cidades menores, ter riqueza herdada e investida na terra, ser de família antiga, habitar próximo a Roma, ser grego, ter cargos militares ou *status* de veterano numa colônia, ser livre por nascimento etc.. Havia consciência, entre esses grupos, de sua posição na pirâmide social; e havia também pouca expectativa de mobilidade social (EVANS, 1986; KOCHMANN, 2005; MEERKS, 1996).

Tudo isso estabelecia conveniências em cada localização social, estado e papel. Tais papéis, tradicionais, vinham de definições antigas de dever e equidade. Desde Aristóteles o que é adequado e conveniente depende dos relacionamentos e desde Epicteto deve-se fazer o que é conveniente ao papel social que o estrato delimita. E no mundo de Maria, “[...] a percepção comum do que era conveniente, do que se esperava, do que era honorável dependia do lugar da

pessoa na pirâmide social” (MEERKS, 1996, p. 32). Dependia também do lugar dessa pessoa na pirâmide patriarcal.<sup>3</sup>

Na estrutura patriarcal há dois conceitos produtores de sentido: o androcentrismo e o patriarcado. No androcentrismo “O homem [é] a medida de todas as coisas. [Refere-se ao enfoque] de um estudo, análise ou investigação a partir da perspectiva unicamente masculina, e utilização posterior dos resultados válidos para a generalização dos indivíduos, homens e mulheres (...)” (SARDÀ, 1987, p. 23); essa visão e linguagem contribuem com a estruturação do patriarcado, entendido como “[...] um sistema hierárquico de dominação de homens sobre mulheres, crianças e demais dependentes, inclusive outros homens [...] que determina todos os níveis de relações de subordinação na casa, na sociedade, no Estado e nas instituições religiosas” (RICHTER REIMER, 2005, p. 19). É um sistema, teorizado por Cícero<sup>4</sup> que servia à definição das funções sociais de homens e mulheres em todos os espaços do século I, em menor ou maior proporção. Mas nem sempre foi assim.

No primeiro Testamento, as mulheres dos patriarcas, as matriarcas, eram mulheres ouvidas, respeitadas e admiradas: atuavam como profetisas e juízas; participavam ativamente das celebrações sociais e religiosas, dos atos políticos; estiveram presentes no Monte Sinai no momento em que Deus firmou a aliança com o povo de Israel; atuavam no plano econômico e tinham voz nos campos privado e público. É notório também que representavam, muitas vezes, o papel principal como é o caso de Sara, Rebeca, Rute, Débora etc. cujo papel encontra-se registrado no texto sagrado do Judaísmo e do Cristianismo.

Mas, afirma Kochmann (2005, p. 35), no decorrer do tempo e “[...] por força das influências estrangeiras, especialmente a grega, foram excluídas de toda atividade pública e passaram a ficar relegadas ao lar. Essa situação das práticas cotidianas daquela época foi expressa nas leis judaicas então estabelecidas [...]” Dos exemplos dados por ela, um deles é suficiente para dar a dimensão do novo papel social da mulher: no *Talmud de Babilônia* - Tratado “*Menachot*” 43 B está escrito: “O Rabi Meir disse: O homem deve recitar três bênçãos

---

<sup>3</sup> Schottroff (1995, p. 7, 10) afirma categoricamente que o inventor do patriarcado não é o Judaísmo e que o comportamento de Jesus para com mulheres não é algo “inaudito” para aquela religião.

<sup>4</sup> Esse conceito vem do ideólogo estatal romano Cícero que define o Estado como patriarca em *De Re Publica*, escrito entre 54 e 51 a. E. C., cuja dominação acontece em quatro níveis: “Deus(es) sobre pessoas; Estado (governo) sobre a *res publica*; pai sobre a casa; espírito sobre o corpo” (*apud* RICHTER REIMER, 2005, p. 73). Os desdobramentos dessa teoria na sociedade romana e seus resvalos na judaica e, especialmente na judaico-cristã do séc. I podem ser vistos na análise de Richter Reimer (2005, p. 69-84).

cada dia, e elas são: Que me fizeste (do povo de) Israel; que não me fizeste mulher; que não me fizeste ignorante”.

Segundo o rabino contemporâneo Joel H. Kahan (*apud* KOCHMANN, 2005, p. 36), essa bênção se originou de uma citação de Platão e Sócrates do dito popular:

Há três bênçãos para agradecer o destino:  
A primeira - que nasci ser humano e não animal;  
A segunda - que nasci homem e não mulher;  
A terceira - que nasci grego e não bárbaro.

Gregos influenciam os judeus que, no mundo de Maria, não agradecem ao destino, mas a Deus; não porque nasceram ser humano mas porque não nasceram ignorantes; não porque não nasceram bárbaros mas porque nasceram povo de Israel; e, com o mesmo tom e palavras, nas duas culturas agradecem porque não nasceram mulheres mas homens. Essa situação corresponde ao segundo Testamento onde se configura o mundo de Maria de Betânia; mas, mesmo assim, ela ousa *sentar-se aos pés do Senhor*.

<sup>38</sup> Caminhando Jesus e os seus discípulos, chegaram a um povoado, onde certa mulher chamada Marta o recebeu em sua casa.

<sup>39</sup> Maria, sua irmã, ficou sentada aos pés do Senhor, ouvindo-lhe a palavra.

<sup>40</sup> Marta, porém, estava ocupada com muito serviço. E, aproximando-se dele, perguntou: ‘Senhor, não te importas que minha irmã tenha me deixado sozinha com o serviço? Dize-lhe que me ajude!’

<sup>41</sup> Respondeu o Senhor: ‘Marta! Marta! Você está preocupada e inquieta com muitas coisas;

<sup>42</sup> todavia apenas uma é necessária. Maria escolheu a boa parte, e esta não lhe será tirada’. (NVI, Lc 10.38-42).

### 1.1 ... E ela *sentou-se aos pés* do Senhor

No mundo de Maria, cujo nome significa rebelião,<sup>5</sup> não era conveniente uma mulher sentar-se aos pés do Senhor para ser discipulada. Mas quando ela viu sua irmã Marta receber o mestre em casa dando-lhe as boas vindas, viu também o momento de ouvir sua palavra. Evans (1986, p. 47ss) informa que era comum que mulheres de posses fizessem contribuições para o

---

<sup>5</sup> Seu nome significa rebelião, talvez em alusão à rebelião encabeçada por Miriã (a forma hebraica de Maria), irmã de Moisés, contra o mesmo (Nm 12.1).

sustento dos *rabis* (cf. Lc 20.47) mas que, de modo geral, eles procuravam evitar sua companhia. Jesus, porém, promoveu essa experiência e incentivou muitas mulheres, inclusive Maria, a dar este passo incomum de segui-lo e de servi-lo (cf. Lc 8.1-3) em *relação discipular*.

Na verdade é quase impossível distinguir, a partir de informações dadas nos evangelhos, quando Jesus estava ensinando o círculo maior de seus discípulos (*hoi mathētai*), e quando estava ensinando apenas os Doze (*hoi dōdeka*). Seus discípulos no Novo Testamento são, em sentido lato, os judeus que se tornaram seus seguidores formando um grande círculo (cf. Lc 6.17; Jo 6.66) e, em sentido estrito, os Doze que ele convocou ao discipulado formando uma pequena seção do círculo maior de seguidores (cf. Lc 22.11; Mt 10.1). Esse círculo de seguidores imediatos eram pessoas convocadas e comissionadas para segui-lo, o que implica em um aprendizado e um serviço específico em meio às vicissitudes da vida (cf. Mt 8.19-26; 10.17ss; 18.1ss; 19.23ss; 23.7ss); é decisivo, também, para aquele discipulado, a fé no próprio Jesus (Lc 12.8-9). (MÜLLER *apud* BROWN, 1984, v. I, p. 667).

A *relação discipular* da qual se fala é encontrada no Novo Testamento, especialmente nos Evangelhos, e teve sua origem no contato entre o Judaísmo e a filosofia grega do período interbíblico; o modo pelo qual os estudiosos encararam seus métodos e opiniões doutrinárias como absolutamente válidos deu origem a escolas no mundo rabínico e, depois, a círculos rivais de discípulos agrupados em derredor de seu mestre (MÜLLER *apud* BROWN, 1984, v. I, p. 663). Essa relação significava, já nos idos de Sócrates, uma relação entre mestre e discípulo a tal ponto que o discípulo se capacitava a sondar a natureza das coisas e a ganhar sua compreensão independentemente daquele; ambos se viam dedicados ao mesmo alvo comum a tal ponto que o aluno chegava à categoria de discípulo.

No Antigo Testamento não há qualquer possibilidade de um relacionamento nesses moldes porque o que o israelita deve aprender sobre a vontade de Deus não o transforma em “aluno” em relação a seu “mestre”, Deus. Observa-se que o uso do termo nos Evangelhos tem origem no Judaísmo helênico<sup>6</sup> mas deve ser considerado como o resultado da união do conceito

---

<sup>6</sup> No Judaísmo rabínico, o *talmîd* é alguém cuja preocupação é a totalidade da tradição judaica, as tradições dos pais (a Torá escrita e a Torá oral), que inclui a Mixná, o Midraxa, a Halacá e a Hagadá. O *talmîd* aprende do rabino que tem conhecimento direto das Escrituras e é uma espécie de mediador entre os *talmîdim* e a Torá. O relacionamento entre ambos, no rabinismo judaico, em contradistinação do Antigo Testamento, tornou-se uma instituição importante para o conhecimento da Torá (MÜLLER *apud* BROWN, 1984, v. I, p. 663).

rabínico com uma nova natureza mediante a sua associação com Jesus; tinha, portanto, uma natureza específica.

Um olhar para Lucas 8.1-2 indica que, em muitas ocasiões, quando apenas os doze foram mencionados, as mulheres também estavam presentes. O testemunho de Orígenes (*apud* EVANS, 2005, p. 47) é uma prova de que a igreja primitiva reconhecia isso enfatizando que as mulheres foram aos lugares agrestes com os apóstolos “[...] esquecendo-se da fraqueza do seu sexo e a conveniência superficial, seguindo o seu Mestre aos lugares agrestes”. Segundo Evans (2005), as mulheres não foram convocadas para o colégio apostólico (o círculo dos Doze) porque não seriam aceitas culturalmente naquele tempo e cultura; mas que Jesus, na sua prática diária, demonstrou seu entendimento do papel da mulher na *relação discipular* aceitando-as como suas discípulas, mantendo conversas teológicas com elas ou ensinando-lhes teologia, conforme indicam as várias narrativas dos evangelistas.

Mateus (15.21-28) e Marcos (7.24-39) narram uma conversa de Jesus com a mulher cananeia (ou siro-fenícia), ensinando-lhe que cabe àqueles que estão em aliança com o Senhor a salvação. Essa cananeia é uma descendente de antigos inimigos de Israel que vivia na região das cidades de Tiro e Sidon, situadas na costa do Mediterrâneo, cerca de 80 quilômetros da Galileia, região onde ele estava anteriormente; o evangelista João (4.7-12) narra uma conversa de Jesus com a mulher samaritana, ensinando-lhe sobre a obra do Messias e de seu Espírito na salvação do pecador. Essa mulher é uma autêntica descendente dos antigos samaritanos, raça mestiça dotada de uma cultura e de uma religião híbridas, que vivia na cidade de Sicar, província de Samaria; o evangelista Lucas (10.38-42), por outro lado, narra uma conversa de Jesus com as irmãs Maria e Marta, ensinando-lhes a sua palavra. Essas mulheres, irmãs de Lázaro, faziam parte do círculo de amigos de Jesus e viviam em Betânia, vilarejo a cerca de 3 quilômetros de Jerusalém; e, posteriormente, Mateus (26.6-14), Marcos (14.3-9) e João (12.1-8) narram a atitude de Maria de Betânia para com Jesus e a interpretação dessa atitude pelo próprio Senhor. Essa adoradora é uma das irmãs que viviam em Betânia sobre quem Jesus afirma que seu ato de ungi-lo seria rememorado em qualquer lugar do mundo onde o evangelho do reino fosse pregado a partir de então.

Nestas narrativas a personagem histórica de Maria de Betânia aparece em vários momentos. Ela oferece aos leitores do futuro, um quadro emblemático, no qual um *rabi* encontra-se instruindo o seu aluno; o que há de extraordinário é que “[...] o aluno é uma mulher”, afirma Ellis (*apud* EVANS, 1986, p. 50). Enquanto a irmã Marta exercia a *diaconia* (Lc 10.40, *diaconein*)<sup>7</sup> sozinha e

---

<sup>7</sup> Marta não é o foco desse estudo. Contudo, as discussões em torno do serviço no qual estava envolvida vão desde leituras tradicionais que se referem ao serviço doméstico resultado do lugar comum da mulher a leituras mais

ansiava por cooperação, Maria ouvia (*okouen*) o Senhor assentada (*parakathestheisa*) passivamente ao seu lado. Na descrição do quadro Lucas opta pelo antigo verbo *assentar* para descrever a cena que via significando que ela decidira assentar-se aos pés do Senhor com um objetivo; a expressão simplesmente identifica-a como uma discípula assim como o estar de Paulo aos pés de Gamaliel identificava-o como um discípulo daquele rabino (cf. At 22.3). A idéia de discipulado é reforçada quando Lucas escreve que Maria tinha assumido essa postura para ouvir os ensinamentos de Jesus, o que conecta o episódio ao tema do *ouvir*, tão evidente nesse Evangelho (cf. Lc 6.47; 8.4-15; 11.28). A própria declinação do verbo assentar<sup>8</sup> indica uma atitude em andamento de permanência aos pés do Senhor; e o verbo *ouvir*,<sup>9</sup> igualmente, descreve uma audiência contínua (ROBERTSON, 2003), sossegada, própria de quem dispôs-se a aprender como uma discípula.<sup>10</sup> Não era conveniente, mas sua fé fazia essa exigência.

## 1.2 ... E ele entrou em *relação discipular* com ela

No mundo de Maria não era conveniente jogar-se em uma *relação discipular* com um *rabi* e nem ao *rabi* aceitar essa relação. Desse modo, o que Lucas relata é incomum e isso pode ser indicado em dois pontos: uma mulher assumiu publicamente uma posição de discípula durante o Judaísmo do primeiro século e Jesus aceitou essa decisão e até mesmo a defendeu.

Já foi devidamente posto que Maria *ouvia assentada* passivamente enquanto o Senhor falava, ensinava. Não há registro do que ele falava, mas a considerar pelo sentido das relações entre o mestre e seu discípulo, desde o Antigo Testamento e até o Novo, tem-se uma ideia do que era. Segundo Walter C. Kaiser (*apud* DITAT, 1998, p. 790, 701), o termo para discípulo<sup>11</sup> no primeiro Testamento é *lammûd* e significa “aquele que é ensinado, erudito”; dentre as 12 palavras que compõem seu campo semântico está *lāmad* para indicar a ação de ensinar cuja idéia é, especificamente, de treinar e/ou educar. O sentido principal da palavra encontra-se no Livro dos Salmos (119.12, 26, 64, 66.68, 108, 124, 135 e 171) onde o autor pede uma atitude correta para com a Torá (guia e direção que a tudo abrange): “*ensina-me os teus preceitos*” ou “os teus decretos” ou

---

acuradas que buscam, no significado sócio-cultural da diaconia do primeiro século uma compreensão mais abalísada. Certamente é assunto para um estudo crítico salutar.

<sup>8</sup> O verbo está conjugado no particípio aoristo e voz ativa indicando uma ação em andamento.

<sup>9</sup> O verbo está conjugado no imperfeito do indicativo e voz ativa retratando um escutar contínuo.

<sup>10</sup> O evangelista João (11.1ss) traz a notícia da compreensão teológica sadia de Marta a respeito de algumas coisas e isso indica que também era discípula.

<sup>11</sup> Naqueles dias a palavra correspondente era empregada em círculos sem relacionamentos com Jesus, como os discípulos de João Batista, que já não eram alunos mas aderentes do movimento do Batista (Mt 11.2 e paralelos Mc 2.18; 6.29; Lc 5.33; 11.1; Jo 1.35, 37); os discípulos de Moisés, que agem como quem tem autoridade de Moisés e a disputam com Jesus (Jo 9.28); e os discípulos dos fariseus, seus seguidores (Mt 22.16; Mc 2.18).



“os teus mandamentos” ou “os teus juízos”.<sup>12</sup> Talvez a disposição de Maria em ser discipula e do Senhor em ser seu *rabi* possam ser justificados com a súplica do salmista, *ensina-me* e no conteúdo do ensino almejado, *preceitos, decretos, mandamentos, juízos*.

Apesar de não ser possível traçar um quadro claro do discipulado sob o Jesus histórico, é possível saber, com base nos evangelhos, que a natureza dessa relação foi determinada por sua própria pessoa à qual seus discípulos se apegaram; e é possível, ainda, listar as características desse discipulado: a) Jesus, assim como os rabinos do Judaísmo, reunia um grupo de discípulos em sua volta, mas em vários pontos foi além dos limites reconhecidos para um rabino e é aqui que se encontra a tonalidade distintiva de seu discipulado; b) nos círculos rabínicos e nas escolas filosóficas gregas a decisão pelo discipulado era voluntária, e a distinção no movimento de Jesus é que o discípulo é chamado eficazmente; c) o discípulo rabínico e o aluno grego se apegavam pessoalmente ao seu mestre e esperavam ensino objetivo para, posteriormente, independem-se, mas no discipulado de Jesus a implicação é de sacrifício incondicional da própria vida em favor dele e de seus planos; d) no rabínico, impunha-se barreiras entre os puros e os impuros, pecadores e obedientes, mas no discipulado de Jesus a barreira foi transposta e as duas matizes foram chamadas; e) no discipulado rabínico e grego, o serviço é para a pessoa do mestre pelo tempo da aprendizagem, mas no de Jesus a chamada para o serviço é intrínseca e é em favor do próprio mestre e de seu reino, e implica nos mesmos perigos aos quais foi exposto o mestre, em um galardão gracioso que incide na participação em sua autoridade (comunhão com Deus mediada por ele). (MÜLLER *apud* BROWN, 1984, v. I).

Aqui entra a figura de Marta que, no seu esforço diaconal, extravasa sua frustração: “Senhor, não te importas que minha irmã tenha me deixado sozinha com o serviço? Dize a ela que me ajude!”. Em resposta, Jesus, contrariando-a, oferece-lhe uma dupla crítica: antes de tudo, ela deve considerar que está “preocupada e inquieta”. Há várias possibilidades para a interpretação do duplo adjetivo apontado por Jesus, mas a opção aqui é por uma preocupação/inquietação sócio-cultural e tem fundamento no conceito de patriarcado inerente ao homem/mulher do século I, já apresentado; no seu entendimento, Maria deveria estar servindo e não sendo servida, agindo e não ouvindo, atuando como diaconisa e não assentada como discipula e o objeto da oração aponta para uma segunda crítica de Jesus: ela está preocupada e inquieta com as “muitas coisas” que lhe ocupam o pensamento, que subjazem o pensamento greco-romano e interferem em seu modo de ver a vida.

---

<sup>12</sup> O significado do termo é visto também em 2 Crônicas 17.7, 9, onde está narrado que o rei Josafá enviou um grupo de homens e este *ensinou* o livro da Lei nas cidades de Judá.

E o desenrolar do diálogo demonstra que Jesus considera que Marta está errada. “Uma só coisa te falta”, Marta! É compreender que o sistema vigente (reino do mundo) está embasado em valores humanos, decaídos, indignos da grandeza do ser humano e, portanto, é um sistema incompatível com o novo sistema (reino de Deus) que está sendo implantado; neste, os valores humanos são inspirados naquele que criou a humanidade, dignos da grandeza do ser humano e, portanto, é um sistema incompatível com o reino do mundo e seus qualificativos. Maria escolhera “a boa parte”, os novos valores nos quais é possível optar entre desprezar expectativas dos outros e optar pelas próprias, cativo e liberdade, diaconia e discipulado, servir e ouvir!

Nas palavras de Gardner (*apud* GARDNER, 1999, p. 438), o vocativo “Marta, Marta” aponta para uma forte declaração

[...] do direito da mulher de ouvir o ensino do Senhor e de interessar-se por assuntos espirituais [dando] uma clara indicação de que o Reino de Deus pertence a todo o que ouve e crê em Jesus. [...] Aqui está uma das mais claras declarações de que Cristo tencionava que as mulheres também recebessem de seu ensino e senhorio.

Em outras palavras, no exemplo feminino da passagem, Jesus estabelece um ponto importante para o discipulado feminino: não importa o que a sociedade, a cultura ou o sistema político digam sobre o lugar da mulher; importa que ele declara, para sempre, que o primeiro direito e dever da mulher consiste em ser discípula sua, em sentar-se aos seus pés e ouvi-lo. Vincent Cheung (*apud* GREEN, 1997) conclui que essa passagem mostra a prioridade do contemplativo sobre o ativo, do espiritual sobre o social, e que as *mulheres* devem se tornar discípulas de Cristo e receber dele instruções.

### 1.3 ... E isso não lhe será tirado

A maior prova de que a ousadia de Maria de *assentar-se aos pés do Senhor e ouvi-lo* foi plenamente estabelecida está no selo pronunciado pelo Senhor no final da narrativa de Lucas (10.42): “... e isso não lhe será tirado!” Maria simplesmente assentara-se como qualquer discípulo costumava fazê-lo aos pés de seus mestres, ou como Paulo o fez, anos mais tarde, quando assentou-se aos pés de Gamaliel para aprender dele.

Ainda, corolário dessa prova, está aquela atestada por outros registros dos autores do Novo Testamento. No episódio da morte de seu irmão Lázaro, quando viu a Jesus, ela lançou-se a seus pés para adorá-lo e balbuciou: “Se estivesses aqui, meu irmão não teria morrido” (Jo 11.1-47). Conclui-se que do discipulado com o Senhor havia sido gerada uma adoradora!

Doutra feita, ofereceram uma homenagem ao Senhor na qual Lázaro estava com Jesus à mesa e Marta servia. Maria, porém, “[...] tomou uma libra de um nardo puro, um perfume muito caro, ungiu os pés de Jesus e os enxugou com os seus cabelos. E toda a casa se encheu com a fragrância do perfume” (Jo 12.1-3; cf. 11.2); João registra que, naquele dia, novamente o Senhor recebeu o seu gesto de adoração e, mais que isso, interpretou-o como um sinal de sua morte iminente na cruz, quando seu corpo seria ungido com perfumes e colocado no túmulo (Jo 12.7-11).

O fato é que, das palavras de Jesus ouvidas por Maria nascera o mais precioso dos bens, *a boa parte* que jamais lhe seria tirada; desse discipulado nascera uma autônoma adoradora e dos seus atos de adoração ao Senhor, um modelo de discípula cuja vida seria revisitada ao longo da história do Cristianismo *em memória sua!* “Isso”, disse Jesus, “não lhe será tirado”!

## 2 Considerações finais

Alguém já disse que a perícopa de Lucas 10.38-42 é um fragmento cujo objetivo de redação foi promover discussões teóricas sobre a situação da mulher na igreja do século I. É possível que tenha suscitado tais discussões mas o objetivo, certamente, foi mesmo o de registrar o fato entendido ao longo de toda a pesquisa, como verídico e, através do acontecimento, que o Senhor estaria apontando para a dignidade da mulher criada à imagem de Deus (*imago Dei*).

No mundo de Maria de Betânia a atitude de Jesus para com ela e sua irmã aponta para a consideração de sua dignidade de mulher criada à *imagem de Deus*. No mundo de Maria do século XXI, onde está posta uma sociedade autoidentificada como madura, a narrativa lucana parece um puxão de orelha que seria desnecessário caso essa autoidentidade fosse verdadeira; para a Maria do século XXI, portanto, é um reforço e um bálsamo ao mesmo tempo, identificar nesse pequeno diálogo de Jesus com Maria de Betânia e sua irmã Marta, uma preocupação de ensiná-las e a todos os leitores e leitoras de todos os tempos e culturas, que todos podem aprender do Senhor, segui-lo e servi-lo e que na *relação discipular* com o Senhor há o direito de *ouvir* assim como o de *fazer* e que esses direitos são para o ser humano, que é criado à imagem de Deus, tanto homens como mulheres.

Porém, no mundo de sentido do século XXI, o *ethos* e a ética humanos cujos imperativos éticos descristianizados vêm sendo forjados por transformações históricas desenvolvidas ao longo dos séculos, encontram-se nos níveis macro, médio e micro da sociedade comprometidos com novos valores nos quais há distinções de dignidade nas categorias de raça, classe social e gênero.

Portanto, Maria de Betânia, como modelo de discípula em seu mundo, aponta para uma necessidade vital deste mundo: discípulos capazes de, acima da percepção do que é *conveniente*, do que se espera, do que seja honorável segundo a posição de cada um (raça, cor, classe social ou gênero), ou melhor, do que é exigido pelo sistema cultural que dita o modelo a ser seguido em todas as vias da existência, transgredir em favor dos valores do reino de Deus no qual há o ser humano criado à sua imagem e semelhança; neste sistema não há distinções de dignidade quanto a raça, classe social ou gênero, pois todos são, tão somente, o ser humano e nisso encontra-se sua dignidade.

Enfim, no mundo do século XXI há uma grande frustração que se encontra, talvez não nas imposições culturais que vêm sendo trazidas do mundo de Maria de Betânia e de outros mundos, mas naquelas em que as limitações parecem estar no próprio desejo das comunidades cristãs pelos valores do reino de Deus; no desejo pelas palavras do Senhor, pela boa parte ou por aquilo que nunca será tirado daquele que o tem.

## REFERÊNCIAS

- ANGLADA, Paulo Roberto Batista. *Introdução à hermenêutica reformada: correntes históricas, pressuposições, princípios e métodos lingüísticos*. Ananindeua: Knox Publicações, 2006. 430 p.
- BROWN, Colin (Ed. geral). *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1984. Vol. 1. 708 p.
- CHEUNG, Vincent. Uma só coisa é necessária. Tradução de Felipe Sabino. Disponível no site *Monergismo*, em: [www.monergismo.com](http://www.monergismo.com). Acesso em: 03 mar. 2012.
- EVANS, Mary. *A mulher na Bíblia*. Tradução de Yolanda M. Krievin. São Paulo: ABU, 1986. 167 p.
- HARRIS, R. Laird (Org.). *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. Tradução de Márcio Loureiro Redondo, Luiz A. T. Sayão e Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998. 1789 p.
- KOCHMANN, Sandra. O lugar da mulher no Judaísmo. *Revista de Estudos da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*. N° 2, 2005, p. 35-45.
- MEERKS, Wayne A. *O mundo moral dos primeiros cristãos*. Tradução de João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1996. 157 p.

RICHTER REIMER, Ivoni. *Grava-me como selo sobre teu coração: teologia bíblica feminista*. São Paulo: Paulinas: 2005.

SARDÀ, Amparo Moreno “Em torno al androcentrismo em la historia”. Cuadernos inacabados. *El arquetipo viril protagonista de la história. Exercícios de lecturas no androcentrica*. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1991. p. 17-52.

VINE, W. E.; UNER, Merrill F.; WHITE JR., William. *Dicionário Vine: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento*. Tradução de Luiz Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2002. 1115 p.